



De olho. Ex-ministro do Turismo, Gilson Machado, e o então secretário especial de Cultura, Mario Frias, em evento de apoio ao circo, em outubro de 2021. No lugar do ator, entra seu ator-lua, que também estava na polêmica e vagem a Nova York.

MALABARISMO NA PASTA DA CULTURA

NELSON GOBRI
 nelson.gobri@globonews.com.br

Há um ano e oito meses à frente da Secretaria Especial da Cultura, Mario Frias deixou ontem o cargo para se dedicar à campanha para deputado federal por São Paulo. Mais longo titular da cadeira, o ator e apresentador manteve-se vivo no cargo sobretudo por sua adesão incondicional ao bolsonarismo, transformando a pasta numa das maiores trincheiras ideológicas do governo. No lugar, entra seu adjunto.

A exoneração de Frias — submetido na hierarquia ao Ministério do Turismo, cargo que era ocupado por Gilson Machado, com quem protagonizou desencontros — foi publicada ontem no Diário Oficial, que também trouxe a saída de outro protagonista da guerra ideológica no setor: Sergio Camargo, presidente da Fundação Cultural Palmares, que assinou sua filiação ao PL, mesmo partido de Frias, na última terça-feira. Camargo estava afastado das atividades relativas à gestão de pessoas na Palmares pela Justiça do Trabalho desde outubro do ano passado, após denúncia de assédio moral. Em condição de anonimato, um funcionário da autarquia disse que o clima é “de festa entre os servidores mais antigos” e que “muitos já tinham saído por-

DE OLHO NAS ELEIÇÕES, MARIO FRIAS E SERGIO CAMARGO DEIXAM SEUS CARGOS. PARA PROFISSIONAIS DO SETOR, CENÁRIO DE TERRA ARRASADA E GUERRA IDEOLÓGICA VAI CONTINUAR COM OS SUBSTITUTOS

que não aguentaram”.

Para substituir o ator, foi nomeado o secretário Nacional do Audiovisual, Hélio Ferraz de Oliveira. Também secretário adjunto, Ferraz acompanhou Frias na ida a Nova York em dezembro de 2021 para discutir produção audiovisual com o lutador de jiu-jitsu brasileiro Renzo Gracie, a um custo total de R\$ 78 mil, que chegou a ser alvo de investigação do Ministério Público. Mesmo com a troca no comando da pasta, produtores ouvidos pelo GLOBO não acreditam em mudanças significativas no cenário cultural até o final do mandato atual, diante do cenário de terra arrasada nas políticas culturais e nos mecanismos de fomento.

Frias foi o quinto titular da secretaria, após outros dois nomes vindos da Cultura, mas que tiveram passagens mais breves pela pasta. O ator substituiu a atriz Regina Duarte, que permaneceu por seis meses no cargo; antes, a pasta foi comandada por dois meses pelo diretor teatral Roberto Alvim, demitido após parafrapear uma citação do ministro de Propaganda da Alemanha nazista, Joseph Goebbels, em um pronunciamento.

Durante sua gestão, o discurso mais frequente do agora ex-secretário foi o da “moralização” da Lei de Incentivo à Cultura — no jargão bolsonarista, o fim da

“mamata da Rouanet” — que deve continuar como lema de campanha. Outros cavalos de batalha defendidos por ele e pelo secretário Nacional de Fomento e Incentivo à Cultura, André Forciuncula — que também se filiou ao PL e anunciou a intenção de concorrer à Câmara Federal pela Bahia — foram os ataques a projetos que destinam bilhões de reais diretamente ao setor, sem a anuência da secretaria, aprovados recentemente por Câmara e Senado: as leis Aldir Blanc e Paulo Gustavo, que homenageiam o compositor e o humorista que perderam a vida para a Covid.

SEM MUDANÇAS

Consultora e estrategista cultural, com passagem por instituições como o Museu de Arte do Rio (MAR), Eleonora Santa Rosa vê um processo de degradação da pasta desde o governo Temer, que teria chegado ao ápice na gestão Frias.

— Ele e figuras como Porciuncula transformaram a secretaria em algo desimportante do ponto de vista político, institucional e operacional. Em vez de travar uma queda de braço inócua, o setor buscou interlocução nos estados e municípios e no Congresso — diz. — Em um momento lamentável, foi importante ver esta união da área cultural para aprovar no

Legislativo as leis Aldir Blanc e Paulo Gustavo.

Autora dos recém-lançados livros “Soliloquio” e “Cultura!”, que abordam o papel do segmento no país, Eleonora não vê espaço para uma mudança maior nos rumos da pasta:

— Pode ser algo pontual, caso o Ferraz perca menos tempo com polêmicas vazias nas redes sociais do que seu antecessor. Talvez seja uma gestão menos beligerante, mas na essência será difícil mudar, até para sua sobrevivência dentro do governo Bolsonaro. Não há improvisação nessas atitudes, e sim uma intenção clara de de implodir e desarticular o setor e suas formas de financiamento.

Produtoras de sucessos do cinema nacional, como “Meu nome não é Johnny” (2008) e a franquia “De pernas pro ar”, Mariza Leão diz que, de certa forma, a existência da Agência Nacional de Cinema (Ancine) blindou o audiovisual contra as decisões da secretaria, mas que o setor sentiu a falta de uma política cultural eficiente.

— Ficamos menos expostos do que áreas como teatro, música, artes visuais. Mas, como cidadãos, fomos atingidos pela atuação de gestores sem qualquer qualificação, que jamais deveriam ter ocupado estes cargos — diz. — A secretaria serviu como grande palco, com seus holofotes permanentemente ligados, que Frias deixa agora para entrar como coadjuvante numa corrida eleitoral difícil, com o voto bolsonarista muito mais disputado. (Colaborou Gustavo Cunha)

O QUE ESPERAR DO NOVO SECRETÁRIO, NA PÁG. 2

LEI ROUANET NA FRENTE DE BATALHA

Mudança de quadro. Mario Frias e Hélio Ferraz de Oliveira, que era seu número dois e assume a Cultura



De saída. Sergio Camargo, que comandava a Fundação Palmares, em novo nome ainda não divulgado



Substituto de Mario Frias à frente da Secretaria Especial da Cultura, o advogado Hélio Ferraz de Oliveira surgiu na vida pública brasileira ao ir à Cinemateca Brasileira em agosto de 2020, acompanhado de oficiais da Polícia

Federal, para levar as chaves da instituição. À época, a secretaria travava uma disputa com a organização social (OS) que geria o local, a Acerp (Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto), pela sua administração.

SUBSTITUTO DE FRIAS ERA COPRODUTOR DE GAME SHOW QUE ATOR APRESENTAVA E JÁ APARECEU COM FUZIL; INCENTIVO À CULTURA DEVE CONTINUAR NA BERLINDA

PERÍODO ATRIBULADO

> **Armas:** Em outubro de 2021, Mario Frias publicou uma foto em que a cúpula da Secretaria Especial da Cultura aparecia segurando metralhadoras. O post não caiu bem; ele afirmou que a imagem havia sido feita durante uma visita ao museu da Polícia Militar.

> **Viagem polêmica aos EUA:** No fim de 2021, Mario Frias e Hélio Ferraz viajaram a Nova York, onde discutiram uma produção audiovisual com o lutador de jiu-jitsu Renzo Gracie. A ida aos EUA custou R\$ 78 mil aos cofres públicos. Na ocasião, os dois também se reuniram com Simone Genatt e

Marc Routh, produtores da Broadway, e Bruno Garcia, dono de uma agência de turismo. Foi aberta uma investigação sobre a viagem, considerada extravagante.

> **Dirigista, e daí?** Em reação a uma reportagem publicada em julho pelo GLOBO — após o governo mudar as diretrizes da política de fomento à cultura, estabelecendo maior interferência nos projetos —, Mario Frias usou o Twitter para afirmar que “dirigismo da política pública cultural não é o problema, é parte da função do governo”.

> **Cerco a livros.** Em junho de

No caso de Sergio Camargo, que presidia a Fundação Palmares, até o fechamento desta edição, seu substituto ainda não havia sido anunciado.

“Número 2” do antigo secretário na hierarquia da pasta, Ferraz acompanha Frias desde que era coprodutor do programa “A melhor viagem”, game show que o ator apresentou na RedeTV! em 2019 e início de 2020. Entre as polêmicas de que participou ao lado de Frias, está uma foto de 2021, em que aparece segurando uma submetralhadora Thompson, ao lado do ex-secretário, de André Porciuncula (secretário de Fomento e Incentivo à Cultura) e Felipe Carmona Cantera (secretário Nacional de Direitos Autorais e Propriedade Intelectual), todos segurando armas. Diante das críticas, o grupo alegou que a imagem havia sido feita durante uma visita ao museu da Polícia Militar.

SEM FOMENTO

Mas a principal dúvida sobre sua atuação na pasta é em relação à Lei Rouanet. Na gestão anterior, a legislação passou por uma série de mudanças, como um decreto de julho do ano

passado, alterando o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), que regula a lei de incentivo, com uma alteração na classificação das áreas culturais contempladas, com uma divisão que incluiu “arte sacra” e “belas artes” como categorias distintas. Este ano, com a publicação da Instrução Normativa (IN) que oficializou o decreto, outras mudanças foram anunciadas, como reduções no teto dos projetos e nos cachês individuais de artistas.

Mesmo antes das alterações na lei, produtores e artistas já se queixavam de paralisação na aprovação de projetos: entre dezembro de 2020 e durante todo o ano passado, processos burocráticos que levavam até 90 dias passaram a se arrastar por mais tempo. Estas questões estão sendo analisadas pelo Supremo Tribunal Federal (STF), a partir de uma ADPF (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental) apresentada à Corte pela OAB.

CONCENTRAÇÃO AUMENTOU

Na época, Frias e Porciuncula justificaram as mudanças como uma forma de descentralizar os recursos e “devolver a Rouanet para o homem comum”. Na prática, contudo, houve uma centralização ainda maior. Em comparação com 2020, quando foram aprovados 4.180 projetos, no valor total de R\$ 1,4 bilhão, no ano passado foram pouco mais de R\$ 2 bilhões captados, utilizados em 2.717 projetos aprovados.

— Ainda é cedo para avaliar como a Rouanet passará a ser tratada dentro da secretaria agora, porque ainda falta saber que outras mudanças nos outros cargos da pasta ainda podem acontecer — comenta Cristiane Olivieri, advogada especializada no mercado de cultura. — A grande batalha que o setor terá durante o resto do ano será uma mudança na percepção que a lei passou a ter para a população em geral, depois de ser tratada por tanto tempo neste clima de caça às bruxas.

Para ela, “é preciso voltar a ter uma visão técnica, e não ideológica, sobre a questão”: — E também debater e cobrar de todos os candidatos à Presidência políticas mais amplas para a Cultura. O foco não pode ficar só na Rouanet, que é uma ferramenta importante, mas o setor precisa ser pensado de forma estratégica, dentro da economia do país e da sociedade. (Nelson Gobbi e Gustavo Cunha)

2021, Sergio Camargo anunciou que excluiria do acervo da Fundação Palmares livros que “que promovem pedofilia, sexo grupal, pornografia juvenil, sodomia e necrofilia”. Após a Justiça Federal proferir sentença definitiva contra a ação, o titular do órgão disse que colocaria determinadas obras — de autores como Karl Marx, Caio Prado Jr., Celso Furtado, Eric Hobsbawm e Marilena Chauí — num “cercadinho da vergonha”.

> **Afastamento.** Em outubro, a Justiça do Trabalho restringiu funções de Sergio Camargo sob o argumento de “perseguição político-ideológica” contra servidores considerados “esquerdistas”.

> **Morte em questão.** Em live realizada em fevereiro, Mario Frias questionou o motivo da morte do humorista Paulo Gustavo, alegando que soube que não foi em decorrência de Covid-19.

> **Censura.** No último mês, Mario Frias apoiou um ato de censura do governo contra o filme “Como se tornar o pior aluno da escola” (2017), baseado em livro homônimo do comediante Danilo Gentili. O Ministério da Justiça determinou a retirada da produção de ficção de todas as plataformas de streaming devido a uma cena com um personagem pedófilo interpretado por Fábio Porchat. A medida era inconstitucional e não pôde ser cumprida.